

Resenha

Book review

SHORT, T.L.(2007). *Peirce's Theory of Signs*. Cambridge: Cambridge University Press, 374 p.

Maria de Lourdes Bacha

CCSA - Universidade Mackenzie

Núcleo Leituras avançadas de Peirce, CENEP-PUC-SP

mlbacha@superig.com.br

Peirce's Theory of Signs é um livro difícil, denso, no qual o autor não faz nenhuma concessão ao leitor. Short conhece a obra de Peirce profundamente e defende seus pontos de vista com muita clareza, principalmente aqueles em que discorda da visão de outros comentadores. Short nega que o texto pressuponha um conhecimento profundo de filosofia em geral e em particular da obra de Charles Sanders Peirce, mas um leitor que não esteja familiarizado com esses temas não conseguirá se adiantar na leitura do livro. A estrutura da linguagem é dialógica, no estilo peirciano, e percebem-se nos títulos e subtítulos dos capítulos laivos do senso de humor do autor.

No "Prefácio", o autor explica que seu principal objetivo é mostrar que as discussões contemporâneas em filosofia da mente e da ciência podem se beneficiar de um estudo aprofundado da teoria dos signos de Peirce. Short enfatiza que a semiótica madura de Peirce foi desenvolvida para explicar em bases naturalísticas o que se denomina "intencionalidade" da mente. Em sua opinião, Peirce teria sido muito corajoso em vários aspectos, principalmente no que diz respeito a sua teoria da causação final, que desafia a filosofia contemporânea em aspectos negligenciados quanto à concepção daquilo que é físico.

O livro foi dividido em 12 capítulos e de acordo com a classificação do próprio autor, os dois primeiros capítulos (1. *Antecedentes and Alternatives*, 2. *The Development of Peirce's Semeiotic*) são introdutórios. Os três a seguir (3. *Phanerescopy*, 4. *A Preface to Final Causation*, 5. *Final Causation*) apresentam os fundamentos da semiótica madura, sistematicamente desenvolvidos nos quatro capítulos a seguir (6. *Significance*, 7. *Objects and Interpretants*, 8. *A Taxonomy of Signs*, 9. *More Taxa*). Os três últimos buscam aplicar essas discussões a tópicos contemporâneos (10. *How Symbols Grow*, 11. *Semeiosis and the Mental*, 12. *The Structure of Objectivity*).

O primeiro capítulo (*Antecedentes and Alternatives*) tem como objetivo contextualizar a semiótica peirciana. Inicialmente é apresentada uma biografia resumida de Peirce. A seguir são discutidas as fontes da semiótica peirciana em Locke e Kant: a teoria dos signos de Peirce se originou da teoria do conhecimento de Kant, já o termo semiótica se originou de Locke, que incluía entre os signos tanto palavras como idéias, sendo as palavras signos das idéias, embora não fosse essa a concepção de Peirce. Short então discute a fenomenologia de Brentano, Husserl e Continental como alternativas

para a semiótica madura de Peirce, que rejeita dualismos e sugere que os inexplicáveis constituem obstáculos à pesquisa científica e, como corolário, desenvolveu sua doutrina do sinequismo. O primeiro capítulo também trata da influência de Aristóteles, dos Estóicos e de Santo Agostinho na obra de Peirce.

O segundo capítulo (*The Development of Peirce's Semeiotic*) persegue vários objetivos, o primeiro dos quais seria enfatizar algumas falhas da teoria do pensamento-signo de 1868-9, que corrigiu em diversas etapas em um processo que só terminou em 1907. O segundo objetivo seria demonstrar que a semiótica foi desenvolvida como suporte para a teoria do conhecimento e da mente. Esse é um dos pontos que mais agrega valor ao livro. Como seria de se esperar, o capítulo trata da questão nominalismo versus realismo no contexto de 1859-1877, e a teoria da realidade. Mas quais seriam as três falhas na doutrina pensamento-signo de 1868-69? A primeira é consequência da doutrina de que todo pensamento-signo interpreta o signo precedente e que todo pensamento-signo é geral. As duas outras derivam da noção de que todo pensamento-signo é interpretado em um pensamento-signo subsequente. Para Short, esse processo infinito não seria problema, mas sim a significância dependendo de como seriam interpretados e a questão da arbitrariedade do signo a ele relacionada, que é um ponto que não fica claro na obra de Peirce, ou seja, a significância depende da interpretação. Resumindo, os três principais problemas da semiótica inicial seriam: o objeto significado desaparece, a significância se tornaria arbitrária e faltaria explicar o que é significância. O primeiro problema foi corrigido entre 1877-1885 através da concepção da segundidade e dos índices, ao adotar o termo "*haecceity*" de Scotus. A descoberta do signo indicial trouxe várias consequências, entre as quais um fortalecimento da teoria de que toda cognição é precedida por uma cognição anterior *ad infinitum*. A descoberta dos índices também levou ao desenvolvimento de novas classes de signos, de interpretantes e de intérpretes, a extensão da semiótica para intérpretes não-humanos e, finalmente, significância para Peirce é triádica. O segundo ponto relacionado à arbitrariedade foi corrigido a partir da idéia de que os signos precisam ser interpretados e reinterpretados *ad infinitum*, assim a significância não é necessária para serem signos. O entendimento da diferenciação entre interpretante último e ideal é fundamental nesta questão. E, finalmente, a última falha foi corrigida em 1907: o significado não é uma tradução sem fim de signo em signo, é necessário sempre um interpretante que será último no sentido de que não há ainda outro signo e há uma distinção entre interpretante último e final, o interpretante final sendo a verdade perseguida. Mas qualquer proposição verdadeira ou falsa, final ou provisória deve ter significado, ou seja, deve ter um interpretante último.

O terceiro capítulo (*Phaneroscopy*) trata da Faneroscopia, nome dado por Peirce inicialmente à fenomenologia. Através do desenvolvimento de uma filosofia arquitetônica no estilo de Kant, Peirce enfatizou o aspecto social da arquitetura do conhecimento e sua evolução ao longo do tempo. Essa idéia arquitetônica é por si só teleológica e foi a fenomenologia o motor deste desenvolvimento, requerendo por seu turno um novo modo de análise dos elementos e uma nova forma de filosofar que dirige o leitor para sua própria experiência e não para as palavras em si mesmas, assim é a experiência o centro, e à medida que se analisa a obra de Peirce observa-se que o fluxo de pensamento se torna cada vez mais claro e adequado. O terceiro capítulo apresenta as categorias da primeiridade, segundidade e a terceiridade, sendo a estrutura formal da fenomenologia um sistema elaborado de modo que, de um lado, as categorias se relacionam umas com

as outras e, de outro lado, se subdividem infinitamente. Do ponto de vista da interpretação metafísica das categorias, Peirce distingue entre realidade e existência: o existente é instantâneo, aqui e agora, mas não haveria realidade sem existência; a realidade se refere às leis que governam os existentes.

O quarto capítulo (*A Preface to Final Causation*) é um prefácio à causação final (que é tema do quinto capítulo), no qual Short faz uma revisão da literatura sobre causação final remetendo a Platão e Aristóteles, entre outros. As ações humanas têm um propósito, que Aristóteles estendeu para os processos naturais. Por teleologia entende-se a doutrina de Aristóteles segundo a qual haveria causação final na natureza. De acordo com Peirce, a causação final não se opõe à ciência moderna mas está implícita em algumas teorias, como a de Darwin, por exemplo. O autor enfatiza a diferença entre propósitos (são gerais) e desejos (são particulares, psicológicos). O propósito é uma consequência geral daquilo que é desejado. Ainda nesta questão, o termo “mecânico” é usado como oposto a “teleológico”. Há filósofos que insistem em uma explicação mecanicista dos efeitos de um fenômeno, mas a causação final está excluída quando se consideram explicações mecanicistas de particulares por particulares porque uma causação final nunca é particular.

O quinto capítulo (*Final Causation*) é dedicado à causação final, no qual Short indaga se a teleologia tem futuro ou se deveria ser excluída pela ciência. Para o autor, na obra de Peirce alguns trechos sugerem que consequências gerais têm papel explanatório em algumas ciências, tornando a causação final inteligível. A análise da causação final é discutida em termos de reversibilidade dos fenômenos. Este é um dos capítulos mais difíceis do livro, tanto conceitualmente como do ponto de vista dos exemplos discutidos. A discussão sobre evolução e entropia à luz da causação final é importante e elucidativa. O capítulo também discute as diferenças entre a concepção de causação final em Peirce e em Aristóteles, mas o ponto alto é a comparação com autores contemporâneos, incluindo Braithwaite, Ayala, Monod, Mayr entre outros. A concepção peirciana de causação final atribui poder ao próprio geral (*type*) independente de ser da natureza de qualquer individual existente ou não.

O sexto capítulo (*Significance*) estuda signo e significância. Na visão de Short a reconstrução sistemática da semiótica madura de Peirce como ciência depende de vários aspectos da concepção de causação final, assim o signo se torna um termo técnico justificado pelo poder do sistema semiótico para “iluminar” uma grande variedade de fenômenos. Short então apresenta sua própria definição de signo que é comparada com a conceituação de Peirce, culminando com a análise dos manuscritos peircianos de 1907, que enfatizam a diferença entre ação final (triádica) e ação mecânica (diádica).

O sétimo capítulo (*Objects and Interpretants*) trata de várias tricotomias, buscando elucidar a distinção entre objeto dinâmico e imediato e dos interpretantes imediato, dinâmico, final, emocional, energético e lógico. Como seria de se esperar, uma discussão sobre objeto dinâmico e imediato leva ao realismo peirciano. Short termina o capítulo enfatizando que a concepção peirciana de objeto dinâmico é uma contribuição que não implica uma estrutura meramente convencional ou subjetiva.

O oitavo capítulo (*A Taxonomy of Signs*) descreve as taxonomias de signos, tema que continua no nono capítulo. Segundo Short, Peirce iniciou seus trabalhos sobre taxonomia dos signos em 1903, mas nunca os terminou. O capítulo trata inicialmente da tricotomia qualisigno, sinsigno e legisigno. A seguir o autor apresenta a dicotomia ícone,

índice e símbolo. Mas o ponto forte do capítulo é a tentativa de desmistificar comentários de estudiosos como Jakobson (1985) ou Eco (1976), principalmente no que se refere ao real significado do que é signo genuíno e degenerado. A seguir é discutida a tricotomia rema, decisigno e argumento.

O nono capítulo (*More Taxa*) discute as relações implicadas em cada tricotomia, em termos das categorias. Não se pode deixar de reconhecer que é um capítulo polêmico principalmente em face das dificuldades próprias das classificações peircianas, como também dos tópicos relacionados como teoria da asserção além de autores como Austin, Goodman, entre outros.

No décimo primeiro capítulo (*How Symbols Grow*) Short discorre sobre o crescimento dos signos e sobre a concepção peirciana de significado em contraposição ao termo referência da filosofia analítica. A discussão inclui as condições para abstração e prescissão signica, além da contribuição do pragmatismo para o entendimento de como os símbolos crescem considerando que o significado do símbolo está em sua potencialidade.

No décimo primeiro capítulo (*Semeiosis and the Mental*) Short principia afirmando que inicialmente a semiótica peirciana seria uma teoria da mente, identificando pensamentos como signos interpretando signos. A seguir o autor explora a riqueza da semiótica peirciana, fazendo um contraponto com as teorias contemporâneas (incluindo Dennet, Fodor, Putnam). A questão do *self* também é trazida à baila neste capítulo, no contexto de conceitos como consciência, generalidade, auto-controle, fazendo ligação com os capítulos anteriores.

E finalmente o décimo segundo capítulo (*The Structure of Objectivity*) trata da estrutura da objetividade oposta ao fundacionalismo, para a qual Peirce desenvolveu suas teorias da realidade, investigação e percepção fundamentadas na concepção de verdade e realidade.

Peirce's Theory of Signs é uma obra importante e necessária para os estudiosos de Peirce, embora não possa ser recomendada para iniciantes. O autor demonstra segurança ao tratar temas polêmicos e principalmente coragem em trazer a semiótica de Peirce para a contemporaneidade.